Economia



Foto reprodução

# Nasce o Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos

Uber, entregador, ambulante, diarista: nova organização social e política pretende lutar pelos direitos dos trabalhadores informais e enfrentar as novas lógicas do mundo do trabalho

**por Ivan Longo**

Quando se fala de trabalhadores informais, as primeiras imagens que vêm à mente, para a maioria das pessoas, são ambulantes, camelôs, pedreiros, catadores de papelão e materiais recicláveis, diaristas de limpeza, manicures... São

profissões que, apesar de antigas, seguem sem regulamentação e sob uma lógica precarizada.

A esses trabalhadores, diante do avanço tecnológico, se somam agora, também, motoristas de aplicativos como Uber e 99, além de entregadores de aplicativos de comida e supermercado, como iFood e Rappi. Sim, eles também são informais, pois essas empresas não fornecem a garantia de direitos de uma carteira assinada e também seguem a mesma lógica exploratória a que os trabalhadores e trabalhadoras da antiga informalidade se submetem para sobreviver: exaustivas horas de trabalho aliada a pouca ou quase nenhuma proteção e estabilidade.

Ainda que esses novos trabalhadores informais já façam parte do cotidiano da população há alguns anos – quem nunca usou um carro de aplicativo ou comprou comida pelo celular? -, foi somente em dezembro de 2021, ou seja, há poucos meses, que a Câmara dos Deputados aprovou um Projeto de Lei que prevê alguns direitos básicos a quem trabalha em aplicativos de entrega ou transporte. Isso só foi possível após a pressão desses próprios trabalhadores, que desde 2020 vêm encampando greves e paralisações por pagamentos mais justos e melhores condições de trabalho.

Em meio a esta mobilização, surgiram



Foto Divulgação

**Paulo Galo, líder do grupo Entregadores Antifascistas**

alguns grupos, como os Entregadores Antifascistas, cujo um de seus principais líderes, Paulo Galo, se tornou uma importante voz dessa legião de trabalhadores precarizados e que não para de crescer.

**O mundo do trabalho mudou**

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), apurada pelo Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE), o país chegou à marca de 40,2% de informalidade no mercado de trabalho no primeiro trimestre de 2022. Ou seja, quase metade da população brasileira ganha a vida sem a garantia de direitos trabalhistas.

Severino Souto Alves é um dos criadores e coordenadores nacionais do recém-criado Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos.




Foto Divulgação

**Trabalhadora informal no ato de lançamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos, em São Paulo**

Ex-presidente do Sindicato dos Camelôs e Ambulantes de Recife (PE), o ativista pelos direitos trabalhistas disse à **Fórum** que a nova organização política e social vem para “dar cabo a essa nova realidade do mundo do trabalho”.

“A gente surge por uma avaliação política que o mundo do trabalho não é mais o mesmo. O mundo do trabalho como a gente conheceu, onde grande parte da sociedade trabalhava de carteira assinada, tinha suas garantias de direitos trabalhistas e previdenciários, que o desemprego existia, mas de alguma forma era contido, esse mundo está se acabando e entrando uma nova dinâmica”, introduz Severino.

E segue na análise, citando as reformas trabalhista e da previdência como um dos principais fatores que contribuíram para



Foto Divulgação

**Severino Souto Alves, um dos criadores e coordenadores nacionais do Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos**

intensificar a precarização dos informais.

"As reformas feitas nos últimos governos, o processo de avanço tecnológico, a perda de postos de trabalho para a tecnologia, os aplicativos, tudo isso condiciona a uma nova informalidade, que tende a crescer e talvez ser até maior que a formalidade. Essa avaliação de conjuntura que nós temos do mundo do trabalho nos condicionou ao balanço histórico de que precisaria de uma organização política que discutisse essa informalidade e cobrasse do poder público políticas que pudessem abarcar a dinâmica da realidade dos direitos desses trabalhadores e trabalhadoras. Quem entra na informalidade entra pela ausência do trabalho e essa entrada é uma alternativa e uma saída. Porém, o que se estabelece é uma vida precária com muitas horas de trabalho, pouco



Foto Divulgação

**Guilherme Boulos discursa no ato de lançamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos, em São Paulo**

acesso à dignidade e uma ausência completa de direitos", avalia.

**Responsabilidade do governo e das empresas**

O Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos já surge com o entendimento de que o grande vilão para a condição praticamente sub-humana a que informais estão submetidos é o poder público.

"Os governos estão vendo essa realidade histórica se alterar, estão vendo o mundo do trabalho se transformar em um mundo dos informais, e não estão construindo nenhuma legislação que possa frear ou regulamentar esse processo. As empresas de aplicativo entram no país, se estabelecem, fazem o que querem e não têm nenhuma limitação,

nenhuma obrigação com o próprio país e os trabalhadores", critica Severino Alves.

Segundo o dirigente, o movimento cobrará os governos, nos âmbitos municipal, estadual e federal, para que os direitos dos trabalhadores sejam assegurados perante às empresas de aplicativos que, nas suas palavras, "constroem essa informalidade".

SEVERINO PONTUA, CONTUDO, QUE A COBRANÇA TAMBÉM SERÁ PARA QUE O PODER PÚBLICO OLHE PARA AS "INFORMALIDADES MAIS ANTIGAS", COMO DIARISTAS, CAMELÔS, CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, "E COM ISSO CONSTRUA POLÍTICAS DE DIREITOS PREVIDENCIÁRIOS, TRABALHISTAS E QUE POSSAM FREAR O AVANÇO DA DESIGUALDADE SOCIAL E VULNERABILIDADE" NO PAÍS.

Sobre as empresas em si, Severino diz que "o capital se estabelece através dos avanços tecnológicos, que são bem vindos, mas se utilizam desses avanços para obter mais lucros" em detrimento dos direitos dos trabalhadores e reduzindo setores do mundo do trabalho. "Vamos para cima nessa perspectiva das empresas também. Faremos levantes, paralisações, breques, o que precisar", garante.

## Diálogo com outros movimentos sociais

No ato que marcou o lançamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos na capital paulista, estiveram presentes lideranças de outros movimentos, como Guilherme Boulos, do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), e Maria dos Camelôs, do Movimento Unidos dos Camelôs do Rio de Janeiro (MUCA-RJ).

Segundo Severino, o novo movimento de trabalhadores informais é "fruto" dessas organizações. "Tem associação de catadores, tem movimentos sociais que lutam pela moradia, que fizeram trabalho de base dentro de suas organizações para estarem presentes nessa luta, tem sindicatos de ambulantes, camelôs e comerciantes informais, tem companheiros não organizados dos aplicativos, como motoristas e entregadores", detalha. A atividade que fundou o Movimento dos Trabalhadores Sem Direitos reuniu cerca de 350 pessoas.

"Acreditamos que, por ser um processo de um setor do trabalho que tem um grau de opressão latente e uma ausência de direitos pré-estabelecidas, a gente pode em pouco tempo agregar fileiras de pessoas na luta e nas ruas", considera.◆